



EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL: AS INCERTEZAS DESPREZADAS NO ENSINO REMOTO

Victor Julierme Santos da Conceição¹

Andresa Silveira Soares²

Francisco Emilio de Medeiros³

RESUMO

O texto tem como objetivo apresentar reflexões sobre o currículo Educação Física na educação básica a partir do olhar apoiado no pensamento complexo de Edgar Morin. É um texto no formato de ensaio, que trata das particularidades da Educação Física no Colégio de Aplicação da UFSC. Ao mesmo tempo, construímos uma reflexão sobre o contexto pandêmico e as relações que o distanciamento social aflorou no olhar sobre o objeto da disciplina. Observamos a escola como um sistema de relações, negligenciada por um modelo disciplinar que fragmenta o conhecimento. Mas propomos uma reforma do pensamento para compreender o conhecimento como elemento central que aproxima os sujeitos.

Palavras chaves: Educação Física Escolar. Pensamento Complexo. Incertezas. Ensino Remoto.

SCHOOL PHYSICAL EDUCATION IN ELEMENTARY EDUCATION: THE NEGLECTED UNCERTAINTIES IN REMOTE EDUCATION

ABSTRACT

The text aims to present reflections on the Physical Education curriculum in basic education from the perspective supported by Edgar Morin's complex thought. It is a text in the form of an essay that deals with the particularities of Physical Education at Application College at UFSC. At the same time, we built a reflection on the pandemic context and the relationships that social distancing emerged from the perspective of the object of the discipline. We observe the school as a system of relationships, neglected by a disciplinary model that fragments knowledge. But we propose a reform of thought to understand knowledge as a central element that brings subjects together.

Keywords: School Physical Education. Complex thinking. Uncertainties. Remote teaching.

¹ Doutor em Ciências do Movimento Humano/UFRGS; Docente na Universidade Federal de Santa Catarina, victorjulierme@gmail.com

² Mestre em Educação Física/UFSC; Doutoranda em Educação/UFSC; Docente no Instituto Federal de Santa Catarina; andresa.soares@gmail.com

³ Professor do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina (DEF/UFSC). Membro/coordenador do Núcleo de Estudos Pedagógicos em Educação Física – NEPEF/UFSC e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Prática Educativa, Identidade Docente e Cultura Escolar - GEPPICE.

EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR EN EDUCACIÓN PRIMARIA: LAS INCERTIDUMBRES DES- ATENDIDAS EN EDUCACIÓN REMOTA

RESUMEN

El texto tiene como objetivo presentar reflexiones sobre el currículo de Educación Física en la educación básica desde la perspectiva sustentada en el pensamiento complejo de Edgar Morin. Es un texto en forma de ensayo que aborda las particularidades de la Educación Física en el Colegio del Aplicación de la UFSC. Al mismo tiempo, construimos una reflexión sobre el contexto pandémico y las relaciones que surgieron del distanciamiento social desde la perspectiva del objeto de la disciplina. Observamos la escuela como un sistema de relaciones, desatendido por un modelo disciplinar que fragmenta el conocimiento. Pero proponemos una reforma del pensamiento para entender el conocimiento como elemento central que aglutina a los sujetos.

Palabras clave: Educación Física Escolar. Pensamiento complejo. Incertidumbres. Enseñanza remota.

PRIMEIRAS PALAVRAS

Este texto, no formato hora como ensaio e em outros momentos como relato de experiência, aponta uma série de reflexões amparadas em movimentos acadêmicos que constituem a minha vida como professor da Educação Básica, fomentadas pela construção da identidade de um pesquisador. É um exercício instigado pelo convite para participar da 5ª Edição do curso de extensão: Educação Física na Educação Básica: Diálogos e possibilidades, da ESEFID/UFRGS. Portanto, além de um compromisso acadêmico, é um exercício de sistematização de tudo que venho fazendo, pensando, refletindo, estudando e aprendendo na minha vida docente.

Organizamos a escrita em momentos não muito longos e não tão profundos como gostaríamos que fosse, mas com informações que espero que sejam interessantes para os leitores e leituras. No primeiro momento, apontamos o olhar destes autores sobre o pensamento complexo de Edgar Morin, apoiando, nele, a intenção de construir um texto com inspiração na complexidade. No segundo momento, realizamos reflexões sobre a educação e a Educação Física na escola para, logo adiante, fazer uma contextualização das experiências docentes em tempos de pandemia. Para finalizar, procuramos apresentar a organização curricular construída, em 2018, no colégio de aplicação da UFSC e as reflexões que o ensino remoto nos apresentou. Dessa forma, apontamos como objetivo apresentar reflexões sobre o currículo Educação Física na educação básica, inspiradas no pensamento complexo de Edgar Morin.

APROXIMAÇÕES COM O PARADIGMA DA COMPLEXIDADE

Como membro do GEPPICE - Grupo de Estudos e Pesquisa em Prática Educativa Identidade Docente e Cultura Escolar/UFSC, estamos estudando diferentes interfaces da Educação Física, em especial na escola. Os nossos estudos procuram dar conta de temáticas relacionadas à prática educativa, cultura e identidade docente. Em todos os casos, nos apoiamos na sociologia do conhecimento e na pedagogia crítica. Para isso, nos debruçamos sobre dois autores centenários que nos ajudam como lente epistemológica, Paulo Freire e Edgar Morin. Para a reflexão apresentada aqui, dedicamo-nos aos estudos que realizamos inspirados no pensamento complexo de Edgar Morin.

Edgar Morin apresenta a ideia de complexidade, como termo traduzido de *complexus*, entendido como aquilo que é tecido em conjunto. Uma alegoria para entender o movimento sistêmico cujo conhecimento é organizado de forma transdisciplinar. Morin (2011), para pautar o pensamento complexo, apresenta a importância de ampliar o olhar sobre a ciência, sociedade, humanidade e educação. Nesse caminho, é apontada a “necessidade de uma tomada de consciência radical (p.9)” a partir de algumas reflexões: 1) a causa profunda do erro não está no erro de fato, mas na organização do nosso saber num sistema de ideias; 2) há uma ignorância ligada ao desenvolvimento da própria ciência; 3) há uma nova cegueira ligada ao uso degradado da razão; 4) as ameaças mais graves em que incorrem a humanidade estão ligadas ao progresso incontrolado do conhecimento.

O paradigma, apontado por Edgar Morin, se fundamenta em três grandes operadores que fomentam as categorias do pensamento complexo:

A **Dialogia** busca aproximar/juntar “coisas” que aparentemente estão separadas sem que exista a síntese como fetiche da dialética. Sem confrontos, mas sim construções coletivas para ampliar o olhar sobre o conhecimento.

A **Recursividade** significa que a causa produz o efeito que produz a causa. Compreende um círculo recursivo, sistema recursivo, somos causa e efeito. Procura contrapor a perspectiva de causa e efeito, apresentado de forma simplificada no paradigma científico cartesiano.

Hologramática, cuja perspectiva do todo e das partes, produz o pensamento complexo no qual a soma das partes não corresponde ao todo, mas as partes estão para o todo, assim como o todo está para as partes. A ideia de totalidade inseparável.

Essas perspectivas estão apoiadas na ideia que o pensamento complexo é sistêmico, cuja relação da produção do conhecimento está nas relações entre os diferentes sistemas que

compõem o todo. Portanto, se contrapõe a ciência cartesiana, que é entendida como ciência simplificadora, em detrimento de uma ciência amparada na complexidade da produção do pensamento.

O que é complexidade? A um primeiro olhar, a complexidade é um tecido (complexos: o que é tecido junto) de constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Num segundo momento, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico. (MORIN, 2011, p 13)

A complexidade não é um método, mas uma forma de pensar, uma organização sobre como o pesquisador observa e trata o objeto de estudo. O pensamento complexo busca mostrar a existência da discussão mais profunda. Pensar a partir da complexidade é quebrar esferas que delimitam o conhecimento para restabelecer as articulações com o que foi separado. “A totalidade é, ao mesmo tempo, verdade e não verdade, e a complexidade é isso: junção de conceitos que lutam entre si” (MORIN, 2008, p. 111).

Edgar Morin faz uma longa e profunda reflexão sobre o paradigma científico cartesiano, uma reflexão crítica que embasa o olhar sobre a educação. O paradigma, dito dominante, cartesiano é compreendido por Morin como o Paradigma Simplificador. Ao mesmo tempo, Morin observa que o paradigma simplificador aponta para uma inteligência cega que destrói os conjuntos e as totalidades e isola todos os seus objetos do seu meio ambiente.

A inteligência cega não pode conceber o elo inseparável entre o observador e a coisa observada. As realidades-chaves são desintegradas. Elas passam por entre as fendas que separam as disciplinas. As disciplinas das ciências humanas não têm mais necessidade da noção de homem. E os pedantes cegos concluem então que o homem não tem existência, a não ser ilusória. Enquanto que os mídias produzem a baixa cretinização, a universidade produz a alta cretinização. A metodologia dominante produz um obscurantismo acrescido, já que não há mais associação entre os elementos disjuntos do saber, não há possibilidade de restar-los e do refleti-los. (MORIN, 2011, p. 12).

Esta breve explanação teórica, estabelece possibilidades para compreender a escola e a sua estrutura organizacional. Também, nos permite refletir que o currículo escolar é fragmentado, não oferecendo, através das disciplinas, a visão do todo, do curso e do conhecimento uno. As disciplinas não se integram, não se complementam, dificultando a perspectiva de conjunto e de globalização que oferece a aprendizagem. O pensamento não é estático, indica movimento, e é isso que permite a elaboração do conhecimento. Essa forma de

ver e compreender a ciência e a sociedade refuta o paradigma “simplificado” e justifica o paradigma da complexidade.

Morin (2005) observa que esse movimento vai além da interdisciplinaridade, que é recebida como uma colaboração e comunicação entre as disciplinas. Contudo, é um movimento que ainda mantém muros que dividem o conhecimento em gavetas, em espaços destinados para o aprendizado formal que compõem o currículo escolar materializado em disciplinas distantes entre si e da realidade da cultura escolar. Em contraposição a esse modelo de currículo, o paradigma da complexidade propõe uma reforma no pensamento a partir da transdisciplinaridade, que possibilita a articulação e o intercâmbio entre as disciplinas e, obrigatoriamente, a busca de todas as relações que possam existir entre o todo e as partes que compõem o conhecimento. “A transdisciplinaridade, fruto do paradigma complexo, é fundamentada por uma epistemologia da complexidade, também estando presente em seu seio às interligações de sujeito-objeto-ambiente” (PETRAGLIA, 1995, p. 75).

EDUCAÇÃO FÍSICA NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFSC: UMA EXPERIÊNCIA

Para iniciar essa seção, propomos que a Educação Física precisa ser repensada como componente curricular da educação básica. A Educação Física escolar foi constituída nestas relações de causa e efeito. É uma disciplina que, fundada a partir do olhar simplificador, pouco avança na compreensão do sujeito na sua própria complexidade. Uma disciplina que não se entende como parte da escola, mas sim como um elemento ou componente pedagógico somado a tantos outros. Não vamos trabalhar com a perspectiva de entender a Educação Física no campo progressista ou tradicional, crítica ou não crítica. Mas sim entendê-la por dentro de um contexto complexo, que Morin (2008, p. 156) vai chamar de sistema, “Os objetos dão lugar ao sistema. Em vez de essências e de substâncias, a organização; em vez das unidades simples e elementares, as unidades complexas, em vez dos agregados formando corpos, os sistemas de sistemas de sistemas”.

Essa perspectiva que estamos adotando para compreender o papel da Educação Física dentro de um sistema complexo que é a escola, avança sobre a perspectiva do termo cultura escolar³, avança sobre a perspectiva de componente curricular obrigatório, e coloca a disciplina

³ JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. Revista brasileira de história da educação, v. 1, n. 1 [1], p. 9-43, 2001.

como parte de um processo pedagógico. Nesse sentido, passamos a entender a Educação Física a partir de um movimento epistemológico que atribui um olhar sistêmico sobre uma parte para compreender o todo. Um movimento hologramático, cujo conhecimento tratado por uma disciplina é parte de um processo de construção do entendimento sobre o mundo. Nesse sentido, um disciplina vista por dentro dela mesma, é fora de um contexto mais amplo, que, de alguma forma, reflete a complexidade das relações entre sujeito e meio ambiente.

Para ampliar o olhar sobre a Educação Física, vamos colocá-la em uma sistema de relações, ou seja, contextualizá-la por dentro de onde estamos a observando. O Colégio de Aplicação da UFSC⁴ é entendido como um departamento do Centro de Ciências da Educação, mas com o tamanho de um centro de ensino. Temos quase 120 docentes, mais de 30 TAEs⁵ e quase 1000 estudantes matriculados em todos os ciclos de escolarização, do ensino fundamental ao médio. É uma das maiores escolas da cidade de Florianópolis-SC, e fica no centro do maior campus universitário da UFSC, na região central da cidade. O ingresso dos estudantes na escola acontece por sorteio anual, que busca preencher as vagas para os primeiros anos do ensino fundamental e vagas remanescentes por conta de desistências em outras séries.

Por um processo judicial construído pelos familiares de estudantes com deficiência, o Ministério Público solicitou a construção de um Proposta Pedagógico de Inclusão Educacional (PPI) que viria incluir ao Projeto Político Pedagógico do colégio. Neste PPI, estava prevista a contratação de docentes da disciplina de Educação especial e servidores das áreas de assistência social, enfermagem, psicologia educacional, fonoaudiologia, nutrição, terapia ocupacional e pedagogas da educação especial, que passaram a compor o **Núcleo de Acessibilidade Educacional**. A perspectiva adotada pelo grupo, além de atendimento direto das demandas de todos os estudantes da escola, é compor a construção do processo de ensino aprendizagem dos estudantes, em especial, aqueles entendidos como **Público-alvo da Educação Especial**: alta habilidades/altas habilidades, síndromes, transtornos, deficiências.

E este foi o modelo de inclusão escolar que o Colégio de Aplicação adotou. Organizamos os planos de ensino a partir de uma série de relatórios e análises, construído pelo núcleo de acessibilidade educacional, apresentando as possibilidades dos estudantes com deficiência, assim como as adaptações sugeridas para dar conta do processo de ensino aprendizagem.

⁴ Universidade Federal de Santa Catarina. ⁵ Técnicos em Assuntos Educacionais.

Essa contribuição faz parte do trabalho pedagógico das disciplinas e possibilita a prática educativa autônoma dos professores da escola, ou seja, mesmo com todo o grupo de servidores que contribuem para o processo de inclusão, a construção pedagógica é de responsabilidade do docente e da sua respectiva disciplina. Nesse cenário, a perspectiva inclusiva está delimitada na compreensão individual dos professores para buscar ou não as aproximações necessárias para construção coletiva de uma perspectiva inclusiva dentro do Colégio de Aplicação.

É neste complexo ambiente que, nos últimos seis anos, a disciplina de Educação Física, dos atuais oito docentes, recebe seis novos servidores para atuar com todas as turmas do ensino fundamental e médio. Uma renovação significativa, com diferentes perspectivas educacionais teóricas, portanto com específicas visões de mundo, sujeito e sociedade.

No ingresso à escola, paramos para pensar sobre o que nos aproximava como grupo de professores de uma mesma disciplina que deveria tratar o mesmo conhecimento durante todos os ciclos de escolarização do ensino fundamental ao médio. Nos entendemos como um grupo de sujeitos com perspectivas progressistas para entender o mundo que nos cerca. Nos entendemos como não tradicional/tecnicista, mas sim como um grupo de docentes que busca ampliar as possibilidades sobre a forma como os conhecimentos da Educação Física são e podem ser tratados. Uma perspectiva que tenta ampliar as possibilidades transdisciplinares, apontando relações entre áreas de conhecimentos. Portanto, aprofundando as relações sociais, culturais e econômicas que atravessam o cotidiano dos saberes na escola.

O olhar transdisciplinar, apoiado no paradigma da complexidade, me possibilitou compreender os conhecimentos que atravessam as disciplinas. Esse olhar está na contramão do paradigma simplificador que organiza o conhecimento de modo disciplinar e fragmentado dentro da escola. Portanto, compreendo, mais uma vez, a disciplina como componente que pode interagir entre outras, colocando foco sobre o conhecimento que atravessa a cultura escolar, que é contemporânea e regionalizado.

O resultado disso foi a proposição de uma organização curricular a partir das experiências que cada professor trouxe e que organizamos aqui na perspectiva da complexidade. Claro que é uma tentativa de sistematizar o conhecimento de uma disciplina, portanto é uma tentativa singular em uma escola específica. De longe, se deseja dar entendimento que é um modelo a ser seguido ou que se pretende normatizar para outras culturas escolares.

Nosso planejamento considera a organização a partir de entendimento de que um determinado elemento da cultura corporal de movimento se relaciona de forma sistêmica com uma série de conhecimentos. Nessa relação sistêmica, o conhecimento é construído em

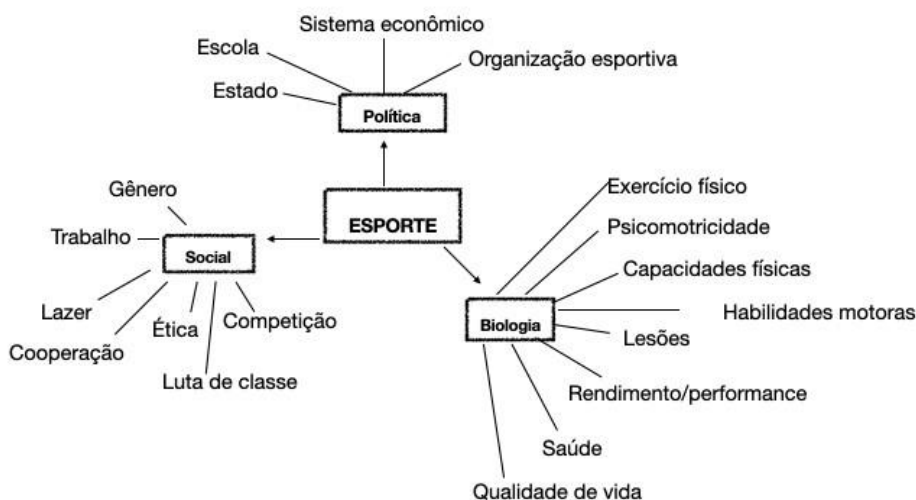
conjunto, sem protagonismo, mas destacando um olhar inicial, um olhar como referência. Sendo assim, a contextualização do conteúdo busca a amplitude de reflexões permeadas pelas relações com os campos sociológico, antropológico, econômico, político, biológico. Estas são entrelaçadas pelo pedagógico na organização do que se quer ensinar.

Entendemos que a construção dos conhecimentos relativos à disciplina de Educação Física estão, ao mesmo tempo, tratados, constantemente, por outras disciplinas que poderiam dialogar. Nesse sentido, o protagonismo da escola está no conhecimento tratado e não de um modelo disciplinar, embasado na epistemologia da ciência cartesiana. É uma postura teórica/pedagógica amparada na transdisciplinaridade.

A transdisciplinaridade, como prefixo *trans* indica, diz respeito àquilo que está em mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento. (NICOLESCU, 2018, p. 53).

Sendo assim, o processo de organização do conhecimento parte das observações sobre estruturas mais complexas (o elemento da cultura corporal de movimento nas suas diversas dimensões), avançando, assim, para as estruturas específicas dos elementos da cultura corporal de movimento.

Figura 1 – Exemplo de organização das manifestações da cultura corporal de movimento em função das dimensões sistêmicas que atravessam os conteúdos.



A figura 1 apresenta o esporte como exemplo e o coloca diante da sua complexidade. Este esforço analítico para o entendimento do fenômeno esportivo situa o conteúdo sobre perspectivas que intensificam e esvaziam a primazia da ação. Em um primeiro esforço, são observadas as significativas dimensões nas quais o esporte transita. Deve-se considerar que diferentes olhares são necessários para compreender a identidade dos elementos da cultura corporal de movimento. Isso, também, é transposto para as demais práticas corporais, como danças, jogos, lutas, práticas de aventuras, entre outros.

Nessa organização, distribuimos os conteúdos em Blocos de Conhecimento, com grandes questões norteadoras, entendidas como possibilidades de pensar de forma complexa. Esses blocos de conhecimento foram distribuídos em unidades didáticas:

Bloco 1 - CONHECIMENTO SOBRE O CORPO NA SOCIEDADE. QUESTÃO NORTEADORA: O que eu consigo perceber e fazer atrás do meu corpo?

Bloco 2 – JOGOS; BRINCADEIRAS; ESPORTES HEGEMÔNICOS E CONTRA HEGEMÔNICOS. Questão norteadora: o que eu aprendo interagindo ao jogar com os outros corpos?

Bloco 3- PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA NATUREZA E ESTUDOS SOBRE O LAZER. Questão norteadora: o que eu consigo experienciar com meu corpo em interação com o meio ambiente?

Bloco 4- EXPRESSÃO CORPORAL (O QUE EU CONSIGO EXPRESSAR ATRAVÉS DO MEU CORPO NA SOCIEDADE). Questão norteadora: o que eu consigo expressar através do meu corpo?

Essas unidades didáticas são compostas por conteúdos escolhidos com o protagonismo dos estudantes, levando em consideração suas experiências de vida e de práticas corporais, assim como dos referenciais teóricos que embasam o projeto político pedagógico da escola. A sistematização das aulas acontece com a análise profunda sobre os contextos de vida dos estudantes e dos elementos que se destacam no contexto sócio-histórico.

Roda de conversa inicial - *Apresentação dos objetivos e organização do conhecimento que será tratado.* Conversa inicial com os estudantes, apresentando o objetivo do encontro e compreendendo como os estudantes entendem o tema da aula. Esta primeira conversa contribui para analisar o conhecimento científico. O espaço democrático oportuniza a socialização do conhecimento e a relação entre os dados da realidade da cultura dos estudantes.

Trato do conhecimento. *É o momento mais crítico da aula em que acontece a prática social.* A catarse faz parte da apreensão do conhecimento. A prática social dentro da aula

corresponde ao contato com o conhecimento e ao confronto entre os interesses individuais e sociais dos estudantes. A aula é tratada como atividades práticas e teóricas, buscando aprofundar os conteúdos apresentados no início do encontro e pensadas nos blocos das unidades didáticas. Nesse momento, os estudantes, para além da experimentação, exploram a compreensão sobre o conhecimento tratado. Através de uma organização coletiva em sala de aula, constroem possibilidades de significar e ressignificar o que aprenderam.

Roda de conversa final - Avaliação da aula. *Análise do encontro.* Os estudantes refletem sobre o trato do conhecimento apresentado na aula. O processo reflexivo será a base para compreensão dos objetivos e formulação dos temas geradores que serão tratados no próximo encontro. A participação efetiva dos estudantes, apresentando as suas impressões, contribui para construir o entendimento sobre novos horizontes que o conteúdo pode apresentar, avançando na compreensão do mundo e da sociedade.

Importante entender que, nos blocos de conhecimento, o debate sobre corpo e cultura atravessam os conteúdos. Não encontramos em Edgar Morin uma discussão sobre corpo, tal qual aparece nos estudos no campo da Educação Física, que é transposto para a escola. Contudo, compreendemos que a perspectiva de corpo está apoiada na perspectiva de sujeito como ser autônomo e complexo - que se constitui nas diferentes experiências com o mundo das coisas.

Dessa forma, pensar o corpo na escola, a partir do pensamento complexo, nos possibilita o entender, o movimentar-se, para além do diferente ou não diferente. Compreendemos o corpo por dentro das suas possibilidades de produção de conhecimento, levando em consideração a história por trás da vida do estudante.

HAVIA UMA PANDEMIA NO CAMINHO: FINALIZANDO

No final de 2019 e, especificamente, no Brasil, no início de 2020, nos deparamos com a pandemia de coronavírus, que, até o momento, já matou quase 4,55 milhões de pessoas no mundo todo e mais de 601 mil⁵ só no Brasil. Um vírus que deixou visível toda a nossa humanidade e a falta de organização coletiva para dar conta dos elementos básicos de saneamento para salvar vidas. Um vírus que ganhou potência onde tem descaso e que atingiu, como era de previsto, todas as classes sociais, mas que escancarou o mundo da pobreza que continua sendo varrido para debaixo do tapete.

⁵ Dados retirados do site: <https://covid.saude.gov.br>, acessado dia 13 de outubro de 2021.

O reflexo deste contexto, na escola, deixou a amostra que a educação à distância e o homeschooling são fetiche de um classe média alienada. Nos deparamos com um cenário de 25% dos estudantes sem acesso à internet e/ou tecnologia de meios de comunicação. Familiares com rotinas pessoais que impossibilitam o acompanhamento do estudante nas atividades escolares em casa. Deparamo-nos com o descuido do Estado que reflete nas diferentes configurações de (des) cuidado da criança e adolescente. E, também, com as dificuldades comuns de um país dividido em classes sociais e que não se preparou para as incertezas.

A construção de um formato de ensino em tempos de pandemia mobilizou todos os sujeitos da comunidade escolar. Organizamos uma proposta que foi apresentada e aprovada. Nessa proposta, organizamos momentos de ensino remoto que receberam o nome de Síncronos e Assíncronos. Os síncronos são aqueles que os estudantes se encontram de forma *on-line*, "ao vivo", com os professores que mediam, com diferentes elementos didáticos, os conhecimentos específicos da disciplina. Já nos momentos assíncronos, os materiais e as atividades são complemento, e os estudantes utilizam o seu tempo livre, dentro da organização familiar, para dar conta das demandas.

Essa organização, mais uma vez, se deparou com os pontos de dificuldade já apresentados. Para sanar a falta de recursos dos estudantes, a UFSC criou edital para empréstimo de computadores e bolsa para pagamento de internet. Atualmente, conseguimos acessar praticamente a totalidade dos estudantes. Ao mesmo tempo, a comunidade escolar se preparou para a utilização do Moodle como plataforma única para a organização do ensino remoto.

Mesmo assim, foi possível manter o processo de organização curricular com as etapas previstas nas aulas durante os momentos síncronos. Os aprendizados e possíveis reflexões são apresentados em pesquisas, fotos e filmagens encaminhados pelos estudantes, com contribuição da mediação do Núcleo de Acessibilidade.

A pandemia do COVID-19 nos mobilizou na tentativa de ampliar o olhar sobre os conteúdos. Esse olhar movimentou as possibilidades metodológicas e ampliamos as diferentes formas para dar conta do objeto de estudo para cada ano/série. Passamos a observar aquilo que de fato estava previsto na organização pedagógica: o olhar sistêmico sobre o movimentar-se.

Isso aconteceu por conta de um movimento comum na escola: a Educação Física é um espaço para que o estudante possa experimentar as práticas corporais. No entanto, a tela e o tempo limitado que ela nos proporcionou apontou a necessidade de olhar os conteúdos com as diferentes relações que o objeto proporciona. Mesmo a distância, buscamos olhar o todo, tratar

as diferentes relações que ora tangenciam, ora mergulham sobre o objeto tratado num determinado bloco de conhecimento.

As teorias são construções humanas para interpretar os fenômenos da natureza e conferir sentido à existência humana. São sistemas conceituais que têm na sua essência a completude (para sua operacionalização), e também o seu contrário, a incompletude, ou seja, uma face aberta à renovação. Elas situam-se num terreno movediço, sempre sujeito a incertezas e transformações. A desagregação, o religar outra vez e o contextualizar novamente são incessantes. Enquanto houver vida no homem, esse processo é interminável. Sua sobrevivência depende dessa capacidade reorganizativa. (SANTOS, 2008, p. 83).

O campo teórico e a dedicação de tempo e espaço ganhou potencia durante a pandemia. Mesmo que a mídia tradicional, após algum tempo, atribua responsabilidade à prática esportiva como forma de prevenir os malefícios do Covid-19, nós, como professores, não utilizamos o tempo para ensinar práticas, mas sim contextualizar experiências. Ao apontar os pontos mais complexos sobre corpo, esporte, dança, lutas e jogos, com as suas mais diferentes manifestações, conseguimos traçar relações orgânicas com outras disciplinas e áreas de conhecimento. O avanço acontece nos interesses dos estudantes ao compreender que, para dar conta do entendimento mais profundo sobre os objetos, é necessário olhá-lo de forma sistêmica com outros assuntos tratados durante o período de escolarização. Para Santos (2008), as teorias podem transformar-se em paradigmas que norteiam as ações humanas num dado momento histórico, porém se defasam quando seus instrumentos conceituais não mais explicam os fenômenos que emergem do desenrolar da vida no planeta. Portanto, elas serão sempre históricas, dinâmicas e provisórias.

Não pretendemos nos dedicar a explicar com detalhes o processo de ensino aprendizagem, mas é importante destacar algumas questões. São elementos reflexivos pontuados para finalizar esse breve ensaio permeado pela experiência em uma escola de educação básica:

- O ensino remoto, da forma como organizamos, distanciou as disciplinas, e a pandemia distanciou os sujeitos. Aquilo que já era distante ficou mais distante. No entanto, o conhecimento foi ampliado e o olhar sobre os objetos possibilitou relações e contextualizações sócio-históricas.

- Passamos a prestar atenção nos invisíveis. Estudantes que não abrem a câmera, não se comunicam pelo chat ou microfone, mas estão presentes nas aulas. Esses sujeitos aprendem de diferentes formas, participam de diferentes formas, mas para isso é necessário o

olhar aguçado sobre eles. A aceitação das diferentes formas de aprender foi constante. No entanto, a ideia de presença é uma dicotomia. Estar logado não representa estar presente. O exercício de observar o processo de aprendizado foi necessário para compreender que os estudantes com deficiência se tornaram ainda mais invisíveis. Foi necessário resgatar as parcerias na construção do processo de ensino aprendizagem, com a equipe pedagógica que orienta as perspectivas de inclusão escolar.

- Diferentes possibilidades metodológicas surgiram e se constituíram. Aqueles que entenderam as incertezas ampliaram o seu olhar sobre as possibilidades de ensino aprendizagem.

- As rotinas profissionais dos servidores e dos estudantes se confundiram com as rotinas pessoais. Precisamos repensar a organização do trabalho docente. O nosso lar virou o nosso local de trabalho. Espaços, pessoas e barulhos foram compartilhados. Isso tudo frente a um ambiente de distanciamento físico e com reuniões de servidores e, também, com invisíveis que não ligam a câmera, falam no chat ou ao microfone. Os invisíveis, que antes eram os esquecidos estudantes incluídos, hoje, são a maioria dos sujeitos que participam do ensino remoto.

REFERÊNCIAS

- JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista brasileira de história da educação**, v. 1, n. 1 [1], p. 9-43, 2001.
- MORIN, Edgar. **O MÉTODO 1: a natureza da natureza**. Porto Alegre: Sulina, 2008. 2^o ed.
- NICOLESCU, Basarab. **O Manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 2018. 3^o ed.
- MORIN, Edgar. Introdução ao Pensamento Complexo. Porto Alegre: Sulina, 2011. 4^o ed.
- _____. **O método 02: a vida da vida**. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- _____. **O MÉTODO 1: a natureza da natureza**. Porto Alegre: Sulina, 2008. 2^o e
- PETRÁGLIA, Izabel Cristina. **Edgar Morin: A educação e a complexidade do ser e do saber**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- SANTOS, Akiko. Complexidade e transdisciplinaridade em educação: cinco princípios para resgatar o elo perdido. **Revista brasileira de educação**, v. 13, p. 71-83, 2008.